



O Circuito Cultural Ribeira: resistência da cultura popular no contexto da Indústria de Massa¹

Catarina Ferreira Sarmiento de FREITAS²
Taís Ramos Gomes da SILVA³
Vívian Regina Lucena de OLIVEIRA⁴
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

Na cidade de Natal-RN, no bairro histórico da Ribeira, ocorre, uma vez ao mês, um conjunto de manifestações culturais que podem ser vistas gratuitamente pela população: o Circuito Cultural Ribeira. O intuito deste estudo é analisar, a partir dos conceitos de indústria cultural, de cultura popular e de hibridação, quais as características estão presentes em tais manifestações. Bem como mostrar que esse evento constitui um processo de resistência cultural no atual âmbito capitalista e ressignificação da cultura popular.

Palavras-chave: Indústria Cultural; Cultura Popular; Hibridação; Ressignificação; Ribeira.

A Indústria Cultural

O termo Indústria Cultural foi criado em 1947, na *Dialética do Esclarecimento*, pelos estudiosos Theodor Adorno e Max Horkheimer para avaliar a situação na qual a arte encontrava-se inserida na nova sociedade capitalista. Para eles, o capitalismo, além de afetar diretamente os meios de produção e distribuição, comprometia também as obras artísticas e seu consumo.

A Indústria Cultural constitui-se num sistema onde as artes se tornam produtos pautados para o consumo das massas. Os bens culturais são produzidos “industrialmente”, tornando-se assim mercadorias. Eles são tidos como industriais, pois obedecem ao esquema de serialização, padronização e divisão de trabalho. Tais bens são moldados de acordo com o consumo, e esse é determinado pela própria massa.

Apesar desse esquema se assemelhar com o processo técnico de divisão de trabalho, também há as formas de produção individual. Cada produto, apresentado como individual, fomenta a ideologia de que são únicos e independentes de um sistema que na realidade propõe a criação de um produto massificado e pautado no consumo.

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

²Estudante de Graduação 3º período do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFRN, email: catarina.freitas91@gmail.com

³Estudante de Graduação 3º período do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFRN, email: taisramoss@live.com

⁴Estudante de Graduação 3º período do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFRN, email: vivianregina_1@yahoo.com.br



Dessa forma, a Indústria Cultural não representa uma classe específica, uma vez que ela une arte superior com a arte inferior, formando uma integração de seus consumidores. A arte superior perde sua característica de seriedade e erudição. Já a arte inferior perde seu atributo de resistência cultural. Logo, elas tornam-se exclusivamente dependentes do mercado, deixando de ser consideradas artes e se enquadrando no conceito de produto.

No entanto é importante perceber que as massas não é o fator principal da Indústria. Pelo contrário, ela classifica-se como seu objeto. Apesar de ela necessitar do consumo das massas para sua manutenção, ela impõe-se sobre eles, submetendo-os a seu monopólio. Isso é feito oferecendo produtos que satisfazem compensatória e efemeramente, agradando os indivíduos.

Ao citar “(...) uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas, em suma, da forma contemporânea da arte popular. Ora, dessa arte a indústria cultural se distingue radicalmente” Adorno (1967) expôs que os produtos resultantes da Indústria Cultural não são uma cultura resultante das massas, mas sim para elas. Logo, essas têm suas mentalidades reforçadas com a concepção de serem os atores principais em tal contexto. Porém, é fato que elas passam a ser o principal fator motivador para a produção artística da Indústria, assumindo o papel de apenas consumidores.

A Indústria Cultural é estruturada de acordo com os padrões de comercialização. Desse modo, não existe autonomia das obras de artes produzidas, pelo contrário, nesse contexto elas são feitas objetivando excepcionalmente o lucro. Assim, ela obtém um consentimento total e não crítico dos seus consumidores, bem como não há grandes mudanças motivação de lucro, desde que teve sua ascendência sobre a cultura.

“A lei do maior número, no prazo mais breve e com o lucro mais alto determina o valor e o sabor do signo produto”, dito por Bosi (1992) demonstra o processo pelo qual a cultura é fabricada. Ela torna-se um produto que deve ser consumido o mais rápido possível e com a obrigação de que um maior número de indivíduos a incorpore, para que desse modo, os lucros proporcionados sejam cada vez maiores.

Esse método utilizado pelo capitalismo cria o que Bosi chama de tempo cultural acelerado. As representações culturais só são distribuídas enquanto o público sentir satisfação em consumi-las. Depois que novas representações são criadas, aquelas são substituídas. Dessa forma, percebe-se que esse consumo acelerado transforma os valores da cultura. É necessário sempre consumir o que há de recente em lugar do já existente.



Com o tempo cultural acelerado, a absorção dos produtos culturais é bastante superficial, devida ao seu caráter descartável e a urgência de sua substituição. Logo, diante da Indústria Cultural, a memória social não é concretizada. Não há tempo para que a sociedade possa criar uma identidade cultural própria.

Assim, os indivíduos só acumulam em sua memória social a sua cultura própria. Para que isso aconteça é necessário que os indivíduos filtrem, selecionem, avaliem e critiquem as produções artísticas e sociais. Tais fatos ocorrem sempre dentro de uma cultura que resiste ao modelo de padronização e serialização da Indústria Cultural. Entre as principais culturas que praticam essa resistência está a cultura popular.

Cultura Popular

A Cultura Popular é um conceito que acarreta diversas concepções diferentes decorrente da grande quantidade de opiniões que definem tanto o termo cultura como o termo popular. A concepção mais usual é que é uma cultura de massa, ou seja, produzida pela maioria. Ela surge através de tradições e costumes, passados de geração em geração. Acredita-se que o que constitui essa cultura sejam as manifestações que um povo produz e participa, sejam elas dança, música, literatura, entre outras.

Pode-se considerar que seu conteúdo seja resultado das indústrias que disseminam o material cultural. É uma cultura que se fabrica numa situação de dominação, em que ela é a dominada. Mesmo assim possui características originais que lhe dão sentido, como suas crenças, moral, hábitos e tradições. “Toda cultura particular é uma reunião de elementos originais e importados, de invenções próprias e de empréstimos.” (CUCHE, 1999).

Alguns autores e estudiosos consideram que a dominação que essa cultura de massa sofre é devido à indústria da cultura obedecer somente à lógica do capitalismo. A cultura se adequa ao mercado e acaba se tornando apenas um produto de compra e venda.

Outro motivo para ser considerada dominada é que suas formas de expressão são julgadas inferiores frente às da considerada cultura erudita. Por exemplo, a tradição oral como modo de passar os costumes, histórias, de geração em geração não é considerado eficaz e científico como a tradição escrita.

A cultura brasileira é constituída de pluralidade nos seus aspectos gerais. Das artes ao estilo de vida, todos os costumes são resultado de fusões culturais diversas. Diversidade não só quanto ao espaço. Além de fundir aspectos de outros países e continentes, incrementa-se de culturas oriundas da região, apesar de esquecidas por algum tempo. Desse modo quando



se fala na diversidade cultural, em particular a do nordeste, trata-se da fusão de culturas estrangeiras e de resgates na nossa própria cultura – tempo e espaço.

Apesar da impossibilidade de se falar em uma cultura exclusivamente pura, é necessário analisar a formação cultural do espaço que estamos inseridos. Existem vários termos que estão contidos na formação de uma ou outra cultura determinada. Ou seja, há uma mescla nos aspectos e estruturas que formam a cultura, por meio da interação de várias culturas. Surge dessa forma a hibridação.

Hibridação Cultural

A Hibridação constitui um conjunto de procedimentos intercambiais e mesclas de culturas, ou entre expressões culturais. Com a globalização, o processo de contatos entre as culturas é bastante comum. Tal fato proporciona que cada cultura incorpore alguns aspectos de outras, permitindo assim que esses façam parte das suas próprias características culturais.

Ainda sobre o procedimento de que se vale o hibridismo cultural, o turismo é responsável pela difusão das culturas. A partir das interações entre os espaços são propagadas e acopladas múltiplos traços culturais. Por isso fica cada vez mais difícil falar na cultura legítima e puramente de origem. E essa cultura hibridizada torna-se cada vez mais naturalizada, o próprio procedimento de adequar o que foi/é popular ao atual.

Desse modo, a hibridação, devido ao seu caráter mutualista de fusão, define as formações culturais de Natal de forma mais característica, engloba de modo ampliado às heranças que a cultura atual implantou, ao passo que evidencia a conservação de uma essência. Na hibridação as culturas afetam e são afetadas reciprocamente.

Apesar de sofrer mutabilidade ao longo do tempo para manter a sua existência, “tradição pode ser entendida como sendo aquilo que persiste do passado no presente, presente em que ela continua agindo e sendo aceita pelos que a recebem e que, por sua vez, continuarão a transmiti-la ao longo das gerações” (SANTOS, 2008). Dessa forma, a cultura popular, uma vez que utiliza a tradição para sua formação, é uma resistência cultural no contexto social que estamos inseridos.

A resistência cultural característica da cultura popular é realizada por meio da preservação da sua identidade própria na memória coletiva de um povo. Além desse da memorização social, a cultura popular passa pelo processo da ressignificação, ou seja, ela incorpora algumas características de outras culturas e do próprio modelo da Indústria Cultural,



para se adaptar e vigorar no tempo. Isso também se caracteriza como uma estratégia de resistência, como dito por Santos (2008).

Logo, a cultura popular do entretenimento natalense passa por uma ressignificação diante da atual estrutura de consumo. Ela mantém em essência suas características. No entanto, também são incorporados os modelos padronizados nos eventos, comuns ao consumo de massa. O entretenimento como os shows musicais, peças de teatro, espetáculos de dança entre outras variações, tornam-se bastante semelhantes com os que ocorrem em outras locais.

Assim, para que não haja uma perda da cultura popular, as tradições mesclam-se com o modelo de padronização da Indústria Cultural, criando a hibridação. O principal e melhor exemplo em que se denota a presença do hibridismo cultural nas representações do entretenimento natalense é o Circuito Cultural Ribeira.

O Circuito Cultural Ribeira

O Circuito Cultural Ribeira é um evento promovido no bairro natalense Ribeira, pelo Centro Cultural Casa da Ribeira e pelo Centro Cultural DoSol. Sua primeira edição ocorreu em 08 de março de 2011, estreando com a temática carnavalesca. Ele ocorre uma vez ao mês, no horário vespertino e noturno.

O Circuito, comumente chamado assim por seus frequentadores, é realizado com o financiamento de organizações privadas e do poder público. O objetivo da sua prática é revitalizar o bairro histórico, bem como fomentar a valorização da arte local. O projeto visa estimular a economia, porém de forma criativa, promovendo também a cultura.

Nele são reunidas apresentações de bandas musicais, peças de teatros, espetáculos de dança, bazar cultural, mostras de filmes e outras representações da cultura popular, as quais são apresentadas ao público gratuitamente. O Circuito Cultural Ribeira é composto por um conjunto de espaços localizados no bairro que atuam de suporte para o fornecimento das apresentações. Assim, ele possui diversas atrações e espaços, os quais podem se destacar:

- Centro Cultural Casa da Ribeira
- Espaço Gira Dança
- Sport Clube
- Galpão 29
- Neurozy Hall
- Centro Cultural DoSol
- Café Salão Nalva Melo



- Ateliê Flávio Freitas
- Espaço Cultural Buraco da Catita
- Cultura Clube
- Consulado Bar
- A apresentação da Lavagem do Beco da Quarentena

O Centro Cultura Casa da Ribeira é o espaço destinado a apresentações teatrais (como peças, performances e saraus). O Espaço Gira Dança é o lugar que a companhia natalense de dança contemporânea, Gira Dança, formada por pessoas com deficiências, apresentam-se. O Sport Clube é o espaço que originalmente existem as competições de regatas. Porém, durante os Circuitos, há nele apresentações musicais, à beira do Rio Potengi. O Galpão 29 e o Neurozy Hall são boates noturnas que abrem suas portas gratuitamente durante o evento. O Centro Cultural DoSol é onde bandas, geralmente de rock, apresentam seus repertórios. O Café Salão Nalva Melo é um café o qual durante o Circuito Cultural Ribeira recebe exposições de artes, apresentações de dança e/ou apresentações de bandas musicais. O Ateliê Flávio Freitas é o espaço onde o artista plástico natalense, com o mesmo nome do ateliê, expõe suas obras, sendo possível ser visitado pelos frequentadores do evento cultural e funciona como bar também. O Espaço Cultural Buraco da Catita é uma casa boêmia onde são promovidos shows de samba, chorinho, jazz e blues. O Cultura Clube é uma casa de show, voltada principalmente para o público roqueiro e reggueiro. O Consulado Bar é um prédio histórico e revitalizado que atua como bar boêmio de renome no bairro. A Lavagem do Beco da Quarentena é uma apresentação que tem o intuito de revitalizar o espaço da Ribeira através da música. A ação ocorre por meio de grupos musicais que apresentam uma riqueza musical da cultura popular como o samba, afoxé, baião, entre outras, pelas ruas da Ribeira, ainda no início do evento. |

Dessa forma, pode-se perceber no próprio Circuito Cultura Ribeira que a cultura natalense é formada por “diversas mesclas culturais”, como dito por Bernd e Grandis (1995). As atrações apresentadas durante o evento, como as bandas musicais, sofrem influência do estilo de outras bandas. Rock, poprock, reggae, afoxé buscam inspirações e elementos já existentes, em outros grupos musicais. Tudo isso devido à “reconversão econômica”, segundo Bernd e Grandis, ou seja, apesar de original, incorporam componentes de outra cultura, demonstrando a hibridação presente.

Isso ocorre devido às produções culturais necessitarem adaptar-se aos novos valores da Indústria Cultural, a qual pauta as redes de produção e consumo dos bens culturais, para



que possam sobreviver culturalmente na sociedade e manter-se em consumo. Dessa forma, quando uma apresentação teatral acontece no Circuito, por exemplo, o seu caráter popular não desaparece, no entanto se transforma e se adapta ao novo estilo de consumo, configurado pelo capitalismo.

Todavia, as características particulares da cultura popular permanecem, ainda que modificada e adaptada. Assim, pode-se perceber certa resistência, ou pelo menos, a não completa adesão à Indústria Cultural. Tal fato pode ser percebido ao notarmos que as apresentações e o próprio evento são realizados pelos próprios agentes, ou seja, pelos próprios artistas e frequentadores. Não é feito apenas para o consumo, mas também é um produto cultural oriundo de suas tradições. O artesanato, principal produto da expressão popular natalense, presente no Circuito Cultural Ribeira é um exemplo disso. Ele pode ser encontrado nas ruas do bairro (em bancas de venda de autônomos), nos ateliês de artistas potiguares, ou no Bazar Cultural (exposição de venda promovida por alunos de Produção Cultural do Instituto Federal do Rio Grande do Norte).

Na Indústria Cultural, o velho sempre cede lugar ao novo, para que os bens culturais sejam consumidos em tempo acelerado, como já dito. No Circuito, isso não ocorre. Novas apresentações artísticas ocorrem, porém não há o objetivo de substituição das já existentes.

Logo, a cultura popular expressada no Circuito Cultural Ribeira passa por um “conjunto de processos e ‘forças’ que se materializam em mudanças estruturais de ordenamento, mudanças econômicas, sociais, culturais, filosóficas e políticas” (BERND; GRANDIS, 1995), que é a hibridação. O cunho tradicional de sua cultura não é acomodado ao capitalismo. A cultura popular, nesse caso, passa por uma reinterpretação para ainda existir no âmbito do capitalismo e ao mesmo tempo resistir aos moldes da Indústria Cultural.

Referências

ADORNO, Theodor W. **A indústria Cultural**. Buenos Aires: Galerna, 1967.

BERND, Zilá; GRANDIS, Rita de. (Orgs.). **Imprevisíveis Américas: questões de hibridação cultural nas Américas**. Porto Alegre: Sagra, 1995.

BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira: tema e situações**. 2º ed. São Paulo: Ática, 1992.

FRESSATO, Soleni Biscouto. **Cultura Popular: reflexão sobre um conceito complexo**. In: Oficina Cinema-História. Disponível em: <<http://oolhodahistoria.org/culturapopular/artigos/culturapopular.pdf>> Último acesso em: 30/03/2013.



OLIVEIRA, Klycia Fontenele. **A Sociedade da Informação na lógica do capital.** Fortaleza: Intercom, 2012. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0040-1.pdf> >. Último acesso em: 30/03/2013.

PRIORE, Mary Del. **500 anos de Brasil: história e reflexões.** São Paulo: Scipione, 1999.

SANTOS, Adalberto Silva. **Resistências culturais como estratégias de defesa da identidade.** Disponível em: < <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14437-01.pdf> >. Último acesso em: 10/04/2013.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura.** 16º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

Wikipédia: A enciclopédia livre. **Circuito Cultural Ribeira.** Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Circuito_Cultural_Ribeira >. Último acesso em: 23/03/2012.